

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE  
CAMPUS CUITÉ  
UNIDADE ACADÊMICA DE BIOLOGIA E QUÍMICA  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

LARISSA AMARO DOS SANTOS

**INDISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR: UM ESTUDO A PARTIR DAS  
CONCEPÇÕES DE PAIS E PROFESSORES**

CUITÉ – PB

2016

LARISSA AMARO DOS SANTOS

**INDISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR: UM ESTUDO A PARTIR DAS  
CONCEPÇÕES DE PAIS E PROFESSORES**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, da Unidade Acadêmica de Biologia e Química, do Centro de Educação e Saúde, Universidade Federal de Campina Grande, *Campus Cuité*, como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciada em Ciências Biológicas.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dra. Deborah Dornellas Ramos

CUITÉ – PB

2016

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE  
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

S237i Santos, Larissa Amaro dos.

Indisciplina no contexto escolar: um estudo a partir das concepções de pais e professores. / Larissa Amaro dos Santos. – Cuité: CES, 2016.

58 fl.

Monografia (Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas) – Centro de Educação e Saúde / UFCG, 2016.

Orientadora: Deborah Dornellas Ramos.

1. Indisciplina na escola. 2. Pais. 3. Professores. I. Título.

Biblioteca do CES - UFCG

CDU 37

LARISSA AMARO DOS SANTOS

**INDISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR: UM ESTUDO A PARTIR DAS  
CONCEPÇÕES DE PAIS E PROFESSORES**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, da Unidade Acadêmica de Biologia e Química, do Centro de Educação e Saúde, Universidade Federal de Campina Grande, *Campus* Cuité, como requisito parcial para obtenção do Grau de licenciada em Ciências Biológicas.

Aprovado em \_\_\_/\_\_\_ de 2016

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Deborah Dornellas Ramos  
Orientadora (UFCG/CES)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Franco Trindade Medeiros  
(Membro Titular - UFCG / CES)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Izayana Pereira Feitosa  
(Membro Titular - UFCG/CES)

---

Prof Msc. Marcio Frazão Chaves  
(Membro Suplente - UFCG/CES)

Dedico este trabalho aos professores da rede básica de ensino que lidam cotidianamente com os casos de indisciplina, bem como aos pais, figuras primordiais no processo educativo e que também, direta ou indiretamente, tem sentido as consequências dos atos indisciplinares no contexto escolar.

## AGRADECIMENTOS

A Deus de onde advém minha perseverança e fé para continuar traçando meus ideais.

A minha família que desde sempre foi o meu porto seguro, incentivando com o apoio, confiança, carinho e que jamais me faltaram.

A Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Educação e Saúde- UFCG/CES, por toda contribuição na/para minha formação acadêmica.

Aos mestres, por toda adição na minha construção e reconstrução de conhecimento.

As minhas amigas, Ednalva Alves, Maria Valnice e Andreza Henrique por toda manifestação de carinho, companheirismo, ternura e, sobretudo, pelos valiosos auxílios acadêmicos.

As minhas companheiras, Francinelle Solane, Mariely Santiago e Lígia Celi.

Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), de modo singular aos coordenadores, supervisores e colegas que dele fazem parte.

Ao programa de monitoria.

Ao Prof. Dr. José Carlos Freitas Paula, pela oportunidade de participar do projeto Mão Na Massa e do Laboratório de Ensino de Química (LAPeq), pelos quais construí elos de amizade para além da graduação.

A minha orientadora de pesquisa, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Deborah Dornellas Ramos, pelo aceite a orientação e todas contribuições com o estudo.

A André Ricardo das Silva Dias, José Aparecido da Silva Rocha, Honorina Elena Furtado Costa e demais colaboradores por toda paciência e contribuições com a pesquisa.

Aos membros da banca examinadora, Prof.<sup>a</sup>. Dra. Maria Franco Trindade Medeiros, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Izayana Pereira Feitosa e ao suplente Prof. Msc. Marcio Frazão Chaves pelo aceite em contribuir com o estudo.

Aos pais e professores pesquisados, pelas valiosas contribuições à pesquisa.

A todos, meu caloroso e genuíno agradecimento.

*"Apenas uma melhor compreensão do comportamento humano resolverá nossos problemas, e eu ainda acredito que isso significa a melhor ciência."*

*B. F. Skinner*

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1- O que os pais entendem por indisciplina.....	25
Tabela 2- Concepções dos pais sobre os principais fatores que contribuem para a indisciplina dos filhos.....	26
Tabela 3- Como se dá o processo educativo no contexto familiar.....	27
Tabela 4- Como se dá o processo educativo no contexto escolar/relação família- escola.....	29
Tabela 5- Como os pais acham que a escola deve proceder em casos de indisciplina dos filhos.....	32
Tabela 6- Como os pais percebem a relação dos filhos com os estudos e a escola.....	33
Tabela 7- O que os professores entendem por indisciplina.....	34
Tabela 8- Concepções dos professores sobre os principais fatores que contribuem para a indisciplina no contexto escolar.....	35
Tabela 9- O que os professores entendem por alunos disciplinados.....	37
Tabela 10- O que os professores entendem por alunos indisciplinados.....	38
Tabela 11- Como os professores acham que a família deve proceder na educação dos filhos.....	39
Tabela 12- Concepções dos professores sobre como se configura a relação família- escola.....	41
Tabela 13- Ponto de vista dos professores sobre os fatores que poderiam minimizar os comportamentos de indisciplina na escola.....	41
Tabela 14- Em quais aspectos os professores poderiam contribuir para minimizar a indisciplina dos alunos.....	43
Tabela 15- Como a escola procede quando acontecem situações de indisciplina.....	43

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	11
2. REFERENCIAL TEÓRICO .....	13
2.1. Indisciplina no contexto escolar.....	13
2.2. Concepções sobre indisciplina escolar.....	16
2.3. Interação Família-escola .....	18
3. PROBLEMA DE PESQUISA.....	21
4. OBJETIVOS.....	22
4.1. Geral.....	22
4.2. Específicos .....	22
5. MÉTODO.....	22
5.1. Local da pesquisa.....	22
5.2. Tipo de pesquisa .....	23
5.3. Participantes.....	23
5.4. Procedimentos .....	23
5.4.1. Seleção dos participantes .....	23
5.4.2. Coleta de dados .....	24
5.4.3. Análise de conteúdo .....	24
5.5. Aspectos éticos .....	25
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	25
6.1. Concepções elencadas no grupo focal de pais .....	25
6.2. Concepções elencadas no grupo focal de professores .....	34
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	45
REFERÊNCIAS .....	47
APÊNDICES .....	54
ANEXO .....	57

## RESUMO

Nos últimos anos a educação brasileira tem apresentado elevados índices de mau comportamento no espaço escolar. Conforme uma Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem (*Teaching and Learning International Survey - TALIS*), o País assume a liderança no ranking mundial por mau comportamento em sala de aula. Esse fato tem preocupado a comunidade pedagógica, visto que além de comprometer a harmonia e a qualidade das relações interpessoais, também reflete, negativamente, no processo de ensino-aprendizagem. Partindo dessa premissa e sabendo da importância da educação familiar e escolar na formação de indivíduos, a presente pesquisa objetivou investigar as concepções de professores e pais de estudantes que frequentam uma escola municipal de ensino fundamental, localizada na cidade de Cuité-PB, sobre a indisciplina no âmbito escolar, considerando que a escola se distingue das demais por possuir um livro de ocorrências, elaborado pelo Conselho Institucional, para notificar os atos indisciplinados cometidos pelos educandos. A pesquisa é de caráter descritivo e natureza qualitativa, tendo como método para obtenção de dados o procedimento de grupo focal. Quanto aos resultados elencados, foi possível perceber que a legislação, as dificuldades familiares e falta de limites nos filhos consistem nos principais fatores que corroboram para a indisciplina verificada no espaço escolar. Nesse sentido, destaca-se que há muito a ser considerado, haja vista que os comportamentos humanos podem ser resultado da influência de diversos fatores. Entretanto, uma atuação mais articulada e colaborativa entre as famílias e as escolas no contexto educacional se faz necessária, a fim de proporcionar aos educandos uma formação pautada na ética e em valores mais humanistas, baseados na cordialidade e na convivência humana.

**Palavras-chave:** Indisciplina na escola; Concepções; Pais; Professores.

## ABSTRACT

In recent years the Brazilian education has shown high levels of bad behavior at school. As an International Research on Teaching and Learning (Teaching and Learning International Survey - TALIS), the country takes the lead in the world ranking for bad behavior in the classroom. This has worried the educational community, as well as compromising the harmony and the quality of interpersonal relationships reflects negatively on the teaching-learning process. From this premise and knowing the importance of family and school education in the training of individuals, this study aimed to investigate the views of teachers and parents of students attending a municipal elementary school, located in Cuité-PB on indiscipline in schools, considering that the school distinguishes itself by having an occurrence book, prepared by the Institutional Council to notify indiscipline's acts committed by students. The research is descriptive and qualitative nature, with the method for obtaining data the focus group procedure. As for the listed results, it was revealed that the legislation, family difficulties and lack of limits in children consist of the main factors that support for indiscipline seen at school. In this sense, it is emphasized that there is much to be considered, given that human behavior can be a result of the influence of various factors. However, a more coordinated and collaborative action between families and schools in the educational context is necessary in order to provide students an education based on ethics and more humanistic values based on cordiality and human society

**Keywords:** Indiscipline at school; Conceptions; Parents; Teachers.

## 1. INTRODUÇÃO

A educação corresponde a um universo de aprendizagens construídas e reconstruídas a partir das interações humanas entre si e o meio no qual estão inseridos. Desde os estágios iniciais de vida, as crianças são submetidas a uma série de ensinamentos, especialmente dos adultos mais próximos, que influenciam na sua formação pessoal. Nesse sentido, tanto a família quanto as instituições escolares possuem um importante papel na construção de identidade dos sujeitos para a vida em sociedade.

É notório que o ato de educar não é uma tarefa simples, pelo contrário, educar exige uma demanda intensiva de responsabilidade por parte dos educadores, sendo oportuno destacar que os pais, especialmente, exercem fortes influências nesse processo educativo. Como sugere Ricardo (2013), a família é o berço cultural e social de um indivíduo, e a esta compete criar alguém como cidadão e que saiba ter comportamentos harmoniosos perante a convivência social.

Na sociedade contemporânea é comum ver os pais cada vez mais voltados para o trabalho e outros compromissos cotidianos, circunstâncias que impõem limites ao acompanhamento na educação dos filhos, levando estes educadores a direcionar parte significativa dessa responsabilidade para comunidade escolar. Conforme, Bella e Santos (2007, p. 7) “os pais atribuem muita responsabilidade para a comunidade escolar, por falta de tempo ou por dificuldade em educar seus filhos”. Nesse sentido, percebe-se que as instituições escolares estão assumindo uma responsabilidade superior do que as que lhes diz respeito.

Essas transformações que vem ocorrendo nas relações estabelecidas entre pais, filhos e escola podem estar associadas aos elevados índices de mau comportamento no espaço escolar que vem “apresentando-se como uma fonte de estresse nas relações interpessoais, particularmente quando associada a situações de conflito em sala de aula.” (GARCIA, 1999, p. 101).

Conforme uma Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem (TALIS – *Teaching and Learning International Survey*), realizada entre 2012 e 2013, o Brasil assume a liderança no ranking internacional de indisciplina no espaço escolar. Dentre os 34 países que participaram da pesquisa, são os docentes brasileiros quem gastam mais tempo para manter a ordem em sala de aula. Segundo o estudo, os professores brasileiros gastam cerca de 20 % do tempo de aula para manter a disciplina na classe, enquanto a média internacional é de 13% (TALIS apud INEP, 2014).

Silva (2015) explica que a ajuda simultânea entre pais e professores se faz necessário para tentar amenizar esse problema tão frequente nas escolas contemporâneas. No entanto, é sabido que ainda há uma limitação de larga escala no que diz respeito a interação entre instituições escolares e famílias.

Considerando as mudanças verificadas no contexto familiar e escolar, percebe-se que as mesmas aconteceram concomitantemente às questões-sócio-históricas. Sendo assim, é cristalino que a sociedade moderna difere daquela da década de 60 e, portanto, as mudanças comportamentais dos educandos também não podem ser as mesmas. Conforme Garcia (1999) sob diversos aspectos, a indisciplina escolar, nos dias atuais se diferenciam daquelas observada nas décadas anteriores. E o que a família e a comunidade escolar têm feito para minimizar esse tipo de conduta verificado no espaço escolar? Será que as escolas evoluíram conforme as necessidades sociais ou manteve seus preceitos?

Nesse sentido, sabendo que a educação familiar e as instituições escolares são fundamentais para a formação de sujeitos enquanto indivíduos em sociedade é importante considerar as concepções de ambas as instituições educativas para que possamos compreender sobre os fatores que corroboram para a indisciplina no âmbito escolar e seja possível contribuir para sua redução.

Partindo desses pressupostos, pretendeu-se, com a pesquisa, investigar as concepções de pais e professores que frequentam a escola municipal de ensino fundamental II, localizada na cidade de Cuité-PB, sobre os comportamentos indisciplinados dos educandos, abordando questões relacionadas ao que pais e professores entendem por indisciplina; quais os tipos de indisciplinas que os alunos apresentam na escola; como pais e professores e alunos percebem esse tipo de conduta; quais os procedimentos tomados pelos gestores e educadores quando acontecem situações de indisciplina na instituição, bem como o reflexo desse tipo de conduta no processo ensino-aprendizagem.

A pesquisa teve como estratégia para coleta de dados, o método de grupo focal de acordo com os procedimentos propostos por Gatti (2005), privilegiando participantes que possuam características comuns e vivência com o temática em estudo.

Destaca-se, sobretudo, que o interesse em investigar a escola, surgiu por intermédio de relatos de experiência de colegas estagiários, pelo contato prévio com a escola e, sobretudo, pelo fato do conselho institucional da escola ter criado uma ferramenta de controle, nomeada como livro de ocorrências, para registrar comportamentos de indisciplina ocorridos no espaço escolar, considerando hora, data e ocorrência para convocarem os pais ou responsáveis.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1. Indisciplina no contexto escolar**

Os problemas de indisciplina, em suas diversas manifestações nas instituições escolares, têm se constituído um dos principais desafios para a comunidade pedagógica, pois além de comprometer a qualidade das relações interpessoais no ambiente escolar, também reflete na eficácia no processo de ensino-aprendizagem.

Contudo, antes de nos aprofundarmos sobre a indisciplina no espaço escolar, é importante que compreendamos o significado dos termos: disciplina e indisciplina, de modo que clarifique nossa compreensão acerca do tema em questão.

Conforme Aquino (1996), a disciplina é regida por um conjunto de normas. Enquanto que a indisciplina seria a revolta contra essas normas ou até mesmo o desconhecimento delas.

No contexto escolar, a disciplina é conceituada como sendo “um conjunto de regras que devem ser obedecidas tanto pelos professores quanto pelos alunos para que o aprendizado escolar tenha êxito” (TIBA, 1996, p. 115). Como em qualquer relacionamento humano, na disciplina, é preciso levar em consideração as características de cada um dos envolvidos, além das características do ambiente. Picado (2009), explica que na escola existe todo um sistema de regras para determinar o comportamento das crianças e o conjunto desses deveres constitui aquilo que se nomeia disciplina escolar.

No que concerne à indisciplina, na literatura educacional, esse termo tem despertado o interesse de vários estudiosos (TIBA, 1996; AQUINO, 1998; GARCIA, 1999; CALDEIRA, 2000; ESTRELA, 2002; PICADO, 2009), isto porque esse tema tem sido alvo de preocupações frequentes nas instituições escolares. Apesar da diversidade de estudos acerca da indisciplina na esfera educacional, ainda não há respostas concretas que possibilitem conceituar e determinar as suas causas diretas, como explicam Jesus e Maia (2010). Contudo, os comportamentos de indisciplina se apresentam sempre em contraposição ao conceito de disciplina que, por sua vez, recai sobre alguns aspectos, tais como: o respeito às regras, a obediência e a boa conduta.

Em outras palavras, quando pensado em contraste à noção de disciplina, esse conceito se articula à noção de ruptura e negação de esquemas norteadores e reguladores na escola. Se por um lado o conceito de disciplina está ligado ao respeito e cumprimento de normas estabelecidas no ambiente escolar, a indisciplina é o inverso. (GARCIA, 1999).

Para Caldeira (2000, p.5), “a indisciplina não é algo novo nem tão pouco recente, constitui, porém um problema atual dada à frequência e visibilidade de atos perturbadores do processo pedagógico”. A cultura presente na sociedade moderna, isto é, os costumes, crenças, valores e éticas, diferem daqueles observados nas décadas anteriores e como tal, os comportamentos indisciplinados verificados nas escolas contemporâneas também não podem ser os mesmos que aqueles notados nas gerações antecedentes.

De acordo com Garcia (1999), as expressões de indisciplinas estão mais complexas, criativas e cada vez mais difíceis para os docentes lidarem e resolvê-los de um modo efetivo. Para o autor, não se trata de fenômeno estático que tem mantido as mesmas características ao longo das últimas décadas, pelo contrário, está evoluindo nas escolas.

Essas variações de comportamento têm preocupado a comunidade pedagógica, especialmente os docentes, os quais frequentemente afirmam que “estão desmotivados, desanimados com a questão da indisciplina em sala e esse desinteresse reflete na atuação do professor de forma negativa ” (BECKER; MÜLLER, 2012). Nesse sentido, percebe-se que a indisciplina tem, acima de tudo, afetado a função docente e, conseqüentemente, a eficácia do processo educativo. “A escola que deveria ser um contexto reservado a aprendizagens, normas e valores de convivialidade, de respeito mútuo e cidadania, afigura-se também como um ambiente de aprendizagens marginalizantes” (ESTRELA, 2002, P.6).

Aquino (1998, p.8) explica que “em termos especificamente institucionais, a ação escolar seria marcada por uma espécie de “reprodução” difusa de efeitos oriundos de outros contextos institucionais molares (a política, a economia, a família, a mídia etc.), que se fariam refletir no interior das relações escolares. ” Portanto, quando se trata de comportamentos de indisciplina, há necessidade de estudar o contexto social dos envolvidos, o que se torna mais relevante se considerarmos o fato de que o indivíduo não constrói sua identidade por si só, mas mediante a interação com outros indivíduos.

Nessa perspectiva, Garcia (1999) salienta sobre a necessidade de superar a noção arcaica de indisciplina como algo restrito à dimensão comportamental, mas como algo que está em concordância com o momento histórico-social. Para tanto, o mesmo autor (2009) explica que a escola precisa rever suas noções e práticas de disciplina caso deseje proporcionar o desenvolvimento da autonomia. Conforme explica Jesus e Maia (2010, p. 7):

Se compreendermos que a indisciplina é uma consequência do desconhecimento das regras da escola, é preciso entender porque a equipe escolar compreende a indisciplina como sendo a quebra de regras se ela não oferece a oportunidade da comunidade (pais, alunos) construírem as regras da escola, ou se elas simplesmente não apresentam as

regras para a comunidade para um bom convívio e aprendizagem, porque supõe que alunos e pais conhecem tais regras. (Grifo do autor).

Partindo dessas conjecturas, não seria relevante questionar a posição das instituições escolares acerca dos comportamentos indisciplinados dos educandos no contexto escolar? Não seriam estes comportamentos um ato de contrariedade ao sistema de ensino e/ou regras da instituição? Conforme explica Barros et al (2005, p.15) “o fato de o sujeito não cumprir as regras dentro da escola precisa ser analisado com cuidado, observando a natureza e a forma com que aquelas foram estabelecidas. Assim, um aluno considerado indisciplinado não necessariamente é imoral.”

Para os autores, o fato de o aluno não obedecer às regras escolares não significa dizer que ele é indisciplinado, pelo contrário, pode ser uma forma de contrariedade a norma estabelecida pela instituição escolar a fim de benefício próprio.

O fato é que este aluno contestador, membro de uma sociedade que está em processo de superação de uma cultura de repressão, não se conforma a aulas que considera “enfadonhas”, “desatualizadas”, “teóricas”, ou a relações “autoritárias”, “desumanas” ou “frias”, e manifesta seu descontentamento, o qual precisa ser analisado para além do rótulo de indisciplinado, e ser pensado como expressão de uma consciência social em formação. (GARCIA, 1999, P. 103).

Sendo assim, os comportamentos dos alunos, dito indisciplinados, não seria uma manifestação contrária a regra do sistema educacional? As noções de indisciplinado dos alunos no espaço escolar precisam ser repensadas, concomitantemente ao contexto social, bem como as regras impostas pelo próprio sistema institucional.

Tiba (1996) no seu livro: “disciplina, na medida certa”, explica que o processo disciplinar não depende exclusivamente de um indivíduo, mas da existência do disciplinador e do disciplinado em função de um objetivo, num determinado contexto. Uma vez que a sociedade é formada por indivíduos que interagem entre si, compartilhando aprendizados que foram construídos e reconstruídos ao longo das gerações, pode-se dizer que o ser humano não se constrói homem sem a participação do outro, e o mesmo ocorre no contexto educativo.

Nesse sentido, para que haja educação há necessidade do agente educador e do educando. E o resultado desse processo interativo pode ser uma educação disciplinada ou indisciplinada, de acordo como se configura esse processo. Conforme Dias e Colombo (2013, p. 663):

O processo educativo e, mais especificamente, a construção do conhecimento são processos interativos e, portanto, sociais, nos quais os agentes que deles participam estabelecem relações entre si. Nessa interação, eles transmitem e assimilam conhecimentos, trocam ideias, expressam opiniões, compartilham experiências, manifestam suas formas de ver e conceber o mundo e veiculam valores que norteiam suas vidas.

Portanto, é por meio da interação que os seres humanos educam e se educam. A sociedade só se faz sociedade por meio da interação entre aqueles que a constituem. Sendo assim, para uma vida social menos conflituosa no contexto escolar, faz-se necessário que os educadores e educandos procurem se pautar por um princípio de busca de manutenção de um ambiente mais harmonioso.

## **2.2. Concepções sobre indisciplina escolar**

A indisciplina tem sido um desafio para as instituições escolares, tendo em vista, especialmente, a sua interferência no processo de ensino-aprendizagem. Vários estudos têm sido realizados acerca do tema, (Tiba, 1996; Aquino, 1998; Garcia, 1999; Caldeira, 2000; Estrela, 2002), com o intuito de analisar os fatores associados às situações de indisciplina no universo escolar.

Conforme a pesquisa de Becker e Müller (2012), um dos maiores problemas que a educação enfrenta é, justamente, a indisciplina dos alunos. De acordo com o relato de uma professora no estudo, há muitas dificuldades para trabalhar com os alunos indisciplinados e, por conseguinte, com os disciplinados também, na medida em que existe muita perda de tempo chamando a atenção dos alunos, orientando-os para uma boa conduta, ou até mesmo separando brigas.

É preciso ressaltar o fato dos comportamentos de indisciplina consistirem em um problema que compromete não só a qualidade da atuação dos docentes, mas também do aprendizado daqueles alunos que almejam estudar, os quais poderiam ser definidos como os “disciplinados”. Esse tipo de conduta, não só em sala de aula, mas também em outros espaços educativos, como a família, traduz-se em um fenômeno muito discutido atualmente na sociedade, destacando-se entre os maiores desafios e preocupações presentes nos contextos pedagógicos e familiares.

Silva (2014), em seu estudo sobre a interação professor-aluno, considerando as causas e as consequências da indisciplina escolar, indicou que alguns professores mantêm uma boa relação com os alunos indisciplinados a fim de conquistar a confiança e o respeito dos mesmos. Essa seria uma alternativa para minimizar os casos de indisciplina pois, parte-se do pressuposto

que, através do afeto, o professor teria um contato mais próximo com o educando e, possivelmente, compreenderia o que levou aquele educando cometer determinado comportamento.

Um estudo realizado por Silva e Matos (2014, p. 716) sobre a incidência de comportamentos de indisciplina na sala de aula indicou que “a indisciplina na escola, além de se configurar como um indicador do fracasso no trabalho de socialização com os estudantes, pode ainda funcionar como uma fonte perturbadora do processo de ensino-aprendizagem”. Para Almeida e Amorim (2012, p.9), a indisciplina no contexto educacional pode ser vista como:

Uma manifestação do aluno que apresenta um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência, desacato, traduzida na falta de educação ou no desrespeito às regras pré-estabelecidas, na bagunça, agitação ou desinteresse, como também a incapacidade de se ajustarem.

Jesus e Maia (2010, p.2) explicam que o problema vai além do que a escola pode suprir:

Atualmente, longe de propiciar a aquisição e os instrumentos para que os alunos possam adquirir e compreender como o saber foi elaborado ao longo da história, a escola vem mantendo-se voltada à resolução de problemas que dificultam o processo de ensino - aprendizagem e as relações interpessoais.

Garcia (2006) em seu artigo traz uma noção mais abrangente sobre o comportamento no espaço escolar a partir dos termos: incivilidade, indisciplina e cidadania. Para o autor, os termos estão correlacionados. Se por um lado a indisciplina corresponde às rupturas relacionadas à esfera pedagógica e normativa da escola, a incivilidade engloba comportamentos desafiantes que rompem regras e esquemas da vida social, sejam tácitos ou explicitados contratos sociais. Porém as incivilidades que se inserem no espaço escolar, não estão necessariamente na quebra de normas pedagógicas, enquanto que a indisciplina consiste, obrigatoriamente, na desobediência às normas institucionais a fim de manter a ordem e respeito num determinado ambiente. Conforme o autor, entre as incivilidades cotidianas da escola destacam-se:

As grosserias, as desordens, as ofensas verbais, e o que se denomina sem muita precisão conceitual de "falta de respeito". Sob essa concepção, algumas formas de "bagunça", devido a sua pouca gravidade e previsibilidade, seriam incivilidades, e nem tanto indisciplina, no sentido de romper com regras de algum *contrato pedagógico*, ou mesmo em relação a alguma expectativa expressa no regimento escolar. (p. 127).

No que concerne à noção de cidadania na escola, Garcia afirma que estas “mantém-se em processo de elaboração, e seus avanços representam uma conquista social.” (p.129). Em linhas gerais, o termo está relacionado à capacidade das instituições de ensino propiciarem laços entre a educação e noção de cidadania na formação de sujeitos para vida em sociedade: “A educação deve articular não somente conhecimentos, mas também valores, princípios morais, atitudes, hábitos e outros tantos aspectos necessários à formação humana [...]”, explica o autor.

Como é possível perceber, a ideia de incivilidade se relaciona diretamente com a indisciplina. Numa ótica geral, ambos problematizam as relações interpessoais, e quando inseridas no espaço escolar, dificultam a atuação docente, bem como a eficácia do processo ensino-aprendizagem. A cidadania, por sua vez, seria uma forma de mediar esses comportamentos que problematizam as relações entre os indivíduos no processo educativo, isto é, a cidadania seria o eu civilizado/educado para uma sociedade harmoniosa.

A educação deve articular não somente conhecimentos, mas também valores, princípios morais, atitudes, hábitos, e outros tantos aspectos necessários à formação humana, que fazem sentido no mundo onde aquela educação está inserida. A educação escolar representa um espaço de vivência de cidadania, e em seu espaço se revelam diversas faces da relação entre educação e cidadania. (Garcia, 2006, p. 129).

Quanto às consequências da indisciplina, Santos (2014) indica que elas exigem medidas de combate urgente, ainda mais porque constituem um dos problemas que mais afetam a escola, a formação do cidadão, bem como a sociedade de um modo geral. Garcia (1999) explica que também preciso que nos atentemos ao ambiente escolar é oferecido aos alunos hoje. É importante que o olhar sobre o aluno indisciplinado mude, pois o que se observa hoje é que o corpo docente, diretores, coordenadores, visualizam o aluno indisciplinado como sendo o sujeito que não quer aprender, que não quer nada com nada e que também não recebeu educação em casa.

É importante destacar, sobretudo, que não apenas o contexto escolar deve rever suas práticas educativas, mas também, todo o contexto familiar, haja vista que a tarefa de propiciar noções de disciplina nas relações interpessoais dos educandos consiste em uma responsabilidade não só da escola, mas também da família.

### **2.3. Interação Família-escola**

O processo educativo reúne conhecimentos dos mais diversos ramos de saberes, destacando-se as crenças, valores, costumes, conhecimentos adquiridos, passados e aprimorados de geração em geração e que, por sua vez, acontecem a partir das relações

interpessoais e todo o contexto sócio-histórico no qual o indivíduo está inserido, direta ou indiretamente. Oliveira (2013) explica que devido a esse processo de interação, pode-se pensar a educação como sendo um ato social que se faz por meio da influência do homem e o meio no qual está introduzido.

De acordo com Souza (2009), o processo de aprendizagem, assim como o desenvolvimento humano, acontece sob a influência de muitos fatores, entre eles os contextuais e psicológicos. Sendo assim, Negrão e Guimarães (2006) defendem que a educação também é cultura e por ser cultura, a maneira como um indivíduo se comporta não pode ser algo isolado, mas sim o resultado da relação que o mesmo estabeleceu com o meio social.

Conforme é sabido, existem dois universos primordiais na formação de sujeitos para vida em sociedade: a família e a instituição escolar. Apesar de ambas atuarem com propósitos similares, isto é, na promoção da educação, a família e as instituições escolares possuem papéis distintos, devendo, portanto, estarem articuladas para um melhor desempenho no processo ensino-aprendizagem. Segundo Souza (2009, p. 7), “a interação família/escola é necessária, para que ambas conheçam suas realidades e suas limitações, e busquem caminhos que permitam e facilitem o entrosamento entre si, para o sucesso educacional do filho/aluno”. Conforme explica Tiba (1996, p. 168) “os pais e a escola devem ter princípios muito próximos para o benefício do filho/aluno”.

Entretanto, o que se percebe atualmente, são pais cada vez mais com dificuldades voltadas para a tarefa de educar e as instituições escolares sobrecarregadas com alunos com mau comportamento, sobretudo no que se refere às relações interpessoais. Leite e Amorim (2013, p.4) explicam que “a modernidade trouxe uma série de mudanças, inclusive na família, mas tal realidade não isenta a instituição familiar de seu papel de educador primordial ao desenvolvimento e integração do filho a sociedade”. Os autores afirmam ainda que:

É no meio familiar que o indivíduo tem seus primeiros contatos com o mundo externo, com a linguagem, com a aprendizagem e aprender os primeiros valores e hábitos. Tal convivência é fundamental para que a criança se insira no meio escolar sem problemas de relacionamento disciplinar, entre ele e os outros. (p. 5).

Dentro dessa mesma perspectiva, Souza (2009) explica que, apesar da família se modificar através da história, continua sendo um sistema de vínculos afetivos onde se dá, parte significativa do processo de humanização do indivíduo. Lima et al. (2013, p.4) afirmam ainda que:

É inegável que as famílias, na maioria das vezes, têm assumido exaustiva carga de trabalho em virtude das exigências atuais da sociedade capitalista, além de não se sentirem devidamente capacitadas para a realização do acompanhamento às atividades escolares. Tais aspectos geram sentimento de impotência e de insatisfação com os papéis desempenhados pelos principais agentes de ambas as instituições: professores e pais/responsáveis.

Para os autores, ambas as esferas educativas, família e escola, criam expectativas uma com relação à outra. Enquanto os professores esperam receber alunos criativos, interessados e motivados, as famílias acreditam que a escola cumprirá com o trabalho de formação integral de seus filhos.

Além da fragilidade verificada na relação escola-família, há também um fator que cresceu consideravelmente nos últimos anos e que tem promovido preocupações no âmbito educacional: o uso das tecnologias de informação e Comunicação (TIC). Muito embora as tecnologias informativas e comunicativas como celulares, mídia e computadores, mais precisamente, sejam ferramentas de grande importância para a esfera comunicativa, sobretudo no processo ensino-aprendizagem, também tem promovido mudanças comportamentais dos indivíduos no contexto social, não sendo diferente no espaço escolar, onde essa variação comportamental se acentua com mais precisão.

Oliveira (2014) explica que raras tecnologias provocam, em tão pouco tempo, tantas mudanças sociais como as Tecnologias de Informação e Comunicação. A autora explica ainda que as transformações na área educacional vêm ocorrendo por consequência da globalização e que essas tecnologias estão dando novos significados ao comportamento humano. Ricardo (2013), por sua vez, destaca que os alunos da sociedade moderna vivem num mundo desafiador e com altas tecnologias, mas as escolas ainda se encontram com características condizentes com essa realidade, pelo contrário, os alunos que devem ficar sentados, em silêncio e o professor como detentor de todo o saber.

Partindo dessas premissas, percebe-se que essa variação social tem mudado também o cenário educacional do país. Silva, et al. (2015) explica que os últimos anos, comportamentos indisciplinados em sala de aula têm se acentuado, provocando preocupação e reflexão a comunidade pedagógica. O mesmo autor (p. 13) explica que “a indisciplina é tida como um dos maiores problemas em sala de aula, dificultando ainda mais quando não há uma boa relação professor/aluno. Ou seja, quando o professor tem uma relação afetiva com seus educandos, os comportamentos indisciplinados são minimizados, quando não há esse vínculo na relação educador-educando esse fator se intensifica promovendo o fracasso escolar.

É notório que a sociedade moderna foi alvo de inúmeras mudanças, tanto no cenário familiar quanto no escolar. O contexto familiar tem assumido papéis diferentes no que concerne ao ato de educar. Segundo Estrela (2002, P. 39), o apoio é necessário para que todas as crianças possam encontrar nas suas famílias a segurança e o afeto necessários ao seu desenvolvimento psicológico equilibrado. A força dos pais está em possibilitar aos filhos a diferença entre o que é aceitável ou não, adequado ou não, entre o que é essencial e supérfluo, e assim por diante explica Tiba (1996, P.16). As instituições escolares, por sua vez, parecem não ter acompanhado o ritmo da sociedade moderna, que anda bem acelerada.

No que concerne ao papel da família e escola na formação de sujeitos para uma relação social equilibrada, Tiba (1996, P.17) clarifica que os grandes responsáveis pela educação dos jovens — na família e na escola — não estão sabendo cumprir bem seu papel. (Grifo do autor). Conforme explica Teles, “na família e na escola é importante permitir a expressão livre da criança, mas impor limites é necessário.” (2003, p.57).

Sabendo que a instituição familiar e as instituição escolar são fundamentais para a formação de sujeitos enquanto indivíduos em sociedade, pretende-se, com o estudo em questão, conhecer as concepções de pais e professores acerca da indisciplina no âmbito escolar, bem como o reflexo desse tipo de conduta no processo de ensino-aprendizagem, enfatizando aspectos como: o acompanhamento dos pais no processo educativo dos filhos; a relação escola-família; os tipos de comportamento indisciplinar que os alunos apresentam na escola; como os pais e professores percebem esse tipo de conduta na escola e os procedimentos tomados pelos pais, professores e gestores acerca desse tipo de comportamento na escola .

### **3. PROBLEMA DE PESQUISA**

Considerando que na escola municipal de ensino fundamental onde foram realizados os grupos focais, existe uma ferramenta de registro dos comportamentos indisciplinados dos educandos, o presente estudo pretendeu investigar as concepções de pais e professores sobre os comportamentos de indisciplina dos alunos no âmbito escolar e seus reflexos no processo ensino-aprendizagem.

## **4. OBJETIVOS**

### **4.1. Geral**

A presente pesquisa teve como objetivo geral, investigar as concepções de professores e pais de alunos que frequentam uma escola municipal de ensino fundamental II, localizada na cidade de Cuité-PB, sobre o comportamento de indisciplina no âmbito escolar e seu reflexo no processo ensino-aprendizagem.

### **4.2. Específicos**

- Verificar o que os pais e professores entendem por indisciplina;
- Identificar os tipos de comportamento de indisciplina que os alunos apresentam na escola;
- Averiguar como os pais e professores percebem esse tipo de conduta na escola;
- Identificar os procedimentos da escola e dos pais quando ocorrem situações de indisciplina na instituição.

## **5. MÉTODO**

### **5.1. Local da pesquisa**

A Pesquisa foi realizada numa Escola Municipal de Ensino Fundamental II, localizada na cidade de Cuité-PB. Trata-se de uma instituição pública que oferece ensino fundamental regular do 6º ao 9º ano, além da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Os alunos são, em sua grande parte, da zona urbana. No que diz respeito à composição do corpo docente/técnico, há 18 professores, 1 diretor, 2 diretores adjuntos e 12 Funcionários. Os turnos matutinos e vespertino, com ensino regular e EJA, atendem, atualmente, um contingente de 332 alunos, sendo 242 no turno da manhã, 100 no turno da tarde e 90 no turno da noite. No que diz respeito a interação da escola com a família, esta ocorre, sobretudo, nas situações de reuniões, festividades e chamadas por mal comportamentos de alunos na escola, de onde surgiu o interesse pelo estudo.

## **5.2. Tipo de pesquisa**

O presente estudo consistiu em uma pesquisa de cunho qualitativo e natureza descritiva, tendo como estratégia para obtenção de dados o método de grupo focal, de acordo com os critérios propostos por Gatti (2005), privilegiando os participantes que possuíam características comuns e vivência com o tema focal para que fosse possível uma partilha de ideias de acordo com o objeto de estudo.

## **5.3. Participantes**

O estudo foi realizado com pais e professores que frequentam a Escola Municipal de Ensino Fundamental II em questão, localizada na cidade de Cuité-PB. Portanto, foram constituídos 2 (dois) grupos focais, sendo 1 (um) grupo composto por pais e 1(um) grupo composto por professores. Vale salientar que os participantes do grupo focal de professores serão identificados por PR (professores) e os participantes do grupo focal de pais por PA (pais).

## **5.4. Procedimentos**

### **5.4.1. Seleção dos participantes**

A primeira etapa da pesquisa consistiu no consentimento da instituição escolar e dos participantes para a realização do estudo. Assim, os gestores foram procurados para que autorizassem a realização da pesquisa na instituição, sendo informados sobre o interesse e os objetivos desta, bem como sobre os principais procedimentos metodológicos que seriam utilizados. Posteriormente, foi realizada a seleção dos participantes (pais e professores), aos quais foi solicitado que lessem e assinassem um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para a então autorização da sua participação no estudo. Todos os participantes assinaram 2 (duas) vias do termo, sendo uma para si e outra para ficar com o pesquisador.

Os pais que participariam da pesquisa, foram selecionados com o auxílio do vice-diretor da instituição que, à princípio identificou, por meio dos registros no livro de ocorrências da escola, 10 (dez) alunos com comportamentos de indisciplina para posteriormente identificar os pais de cada um. Ressalta-se ainda que os professores da instituição foram consultados, durante

uma reunião pedagógica, sobre a nomeação feita pelo vice-diretor, com o propósito de saber se estes concordavam ou não com as indicações dos alunos. Dos 10 (dez) alunos sugeridos pelo vice-diretor, 7 (sete) foram considerados pelos professores enquanto alunos indisciplinados e 3 (três) foram substituídos, a pedido dos professores, por estes considerarem que havia alunos que apresentavam condutas de indisciplina com mais frequência. Feito isso, foram listados os nomes dos pais que, posteriormente, foram procurados para participarem da pesquisa. Dos 10 (dez) pais/mães convidados, apenas um se recusou a participar. Contudo, no dia marcado para a entrevista, compareceram apenas 4 (quatro) mães.

Os professores que participaram do grupo focal também foram convidados com o auxílio do vice-diretor da escola que, por sua vez, sugeriu os nomes considerando os critérios de disponibilidade de horários para participar, assim como a concordância com os objetivos da pesquisa. No total foram selecionados 10 (dez) professores que por sua vez concordaram em participar da pesquisa. Porém, compareceram à entrevista um grupo de 9 (nove) professores.

Por fim, foi concordado, com os responsáveis pela escola, um retorno à instituição ao final do estudo, com o propósito de apresentar as considerações finais da pesquisa para que, tanto os gestores da escola, quanto os participantes, possam ficar cientes de suas contribuições para a mesma

#### **5.4.2. Coleta de dados**

Na segunda etapa da pesquisa, foi realizada a coleta de dados propriamente dita. Foram estruturados 2 (dois) grupos focais com o objetivo de promover, por meio da interação de um grupo de pessoas, uma partilha de ideias (GATTI, 2005). Para a realização dos grupos focais foram elaborados 2 (dois) roteiros de entrevista semiestruturada, um para cada grupo de participantes, cuja duração se deu em torno de 1h:30min (uma hora e trinta minutos). Vale salientar que as entrevistas foram realizadas em dias distintos, de acordo com a disponibilidade dos participantes de cada grupo.

#### **5.4.3. Análise de conteúdo**

Na terceira etapa da pesquisa foi realizado a análise de conteúdo utilizando o método proposto por Bardin (1977), considerando a representatividade das falas e a descrição das mesmas em quadros de análises categóricas, com base nos conteúdos que emergiram a partir dos grupos focais.

## 5.5. Aspectos éticos

Os participantes da pesquisa receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), através do qual foram devidamente informados (as), sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da sua participação, sendo garantida retirada do consentimento a qualquer momento, sem que isto levasse a qualquer penalidade aos mesmos.

Os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa e sobre como deveriam proceder durante a conversação, isto é: deveria falar um participante de cada vez para que fosse possível um diálogo aberto e com a participação de todos. Foram notificados, também, sobre o uso dos equipamentos de registro (gravadores digitais) para a coleta dos dados, bem como a importância dos mesmos no processo investigativo, sendo enfatizado que o anonimato dos mesmos seria preservado. Destaca-se ainda que o projeto da pesquisa em questão e os documentos necessários foram submetidos ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFCG pela Plataforma Brasil e se encontra aguardando aprovação.

## 6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 6.1. Concepções elencadas no grupo focal de pais

No que diz respeito aos pais dos alunos, é possível visualizar as categorias referentes às suas concepções sobre a indisciplina a seguir, na Tabela 1:

TABELA 1. O que os pais entendem por indisciplina

CATEGORIAS	<i>F</i>	(%)
Má educação	5	62,5
Ruindade e falta de consideração	3	37,5
TOTAL	8	100

No que diz refere a noção de indisciplina, cerca de 62,5% dos pais associaram à “má educação” e 37,5 % à “ruindade e de consideração” dos filhos. Destaca-se que os pais associaram esses comportamentos a características particulares dos filhos ou até mesmo a influencias externas, mas em momento algum relataram acreditar que influenciam, de alguma forma, para esse tipo de conduta, isto é, mesmo na condição de educadores elementares na

formação dos filhos, os pais entrevistados se isentam de qualquer responsabilidade sobre os comportamentos de indisciplina.

Conforme explica Nogueira et al (2015), é no contexto familiar que a criança recebe os primeiros estímulos, modelos de vida, de crença, afetos e valores morais. Sendo assim, o comportamento indisciplinado dos filhos não pode ser visto como algo isolado da sua educação, tendo em vista o universo de fatores que contribuem para sua construção de identidade e, por consequência, da sua conduta nas relações interpessoais, o que ressalta o papel da educação familiar na formação dos sujeitos e suas contribuições, diretas ou indiretas, nos comportamentos de indisciplina dos filhos. Acerca das concepções dos pais sobre os fatores que contribuem para a indisciplina escolar, é possível verifica-las a seguir, na Tabela 2:

TABELA 2. Concepções dos pais sobre os principais fatores que contribuem para a indisciplina dos filhos

CATEGORIAS	F	(%)
Legislação	28	62,2
Contexto socioeconômico	7	15,6
Tecnologias de informação	7	15,6
Características dos próprios filhos	3	6,6
TOTAL	45	100

Um dos principais fatores que contribuem para a indisciplina dos filhos, de acordo com os pais, é o sistema legislativo, como é possível observar na Tabela 2, em 62% das falas dos pais sobre o tema. Do ponto de vista destes, as leis não permitem que eles eduquem os filhos da forma correta:

*“Das leis pior que já existiu foi uma mãe e um pai não poder exemplar um filho”* (PA1).

*“A gente não quer matar nem esfolar, mas um exemplo a mãe tem que dá”* (PA2).

A partir da fala das mães fica evidente o equívoco sobre a real função do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), cujas contribuições são decorrentes de um longo processo de amadurecimento político e social, tendo como premissa garantir às crianças e adolescentes a sua qualidade de vida:

*“É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência*

familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão” (Art. 227, p.17).

É importante salientar que sistema legislativo não surgiu com intuito de ser um obstáculo a educação familiar, pelo contrário, o conselho tutelar, que para muitos pais é algo incabível, deve auxiliar na educação para vida em sociedade de forma digna, com direitos e deveres. Uma vez que os pais cumpram adequadamente seu papel na educação dos filhos, o conselho tutelar não precisa ser acionado. Entretanto, é sabido que muitos pais ainda tentam educar da forma que foram educados: com autoritarismo. Muitos pais, que se sentem limitados pela legislação, a qual, por sua vez, contrapõe-se a esse tipo de conduta, sentem-se de mãos atadas para educar os filhos por não conseguirem fazê-lo a partir dos procedimentos diferentes, possivelmente porque não aprenderam a educar com autoridade, mas sim, com autoritarismo. Esse fato se aplica ao estilo parental que de acordo com Weber et al (2004) influenciam em diversos aspectos no desenvolvimento dos filhos e também podem determinar o estilo parental que os filhos vão adotar futuramente. Ou seja, os filhos educados por pais autoritários tenderiam ter estilos educativos autoritários. Os autores explicam ainda que, todas as pessoas receberam uma educação que, de alguma forma, foram muito importantes para que elas sejam do jeito que são.

Os demais entrevistados, 37,8%, alegaram que os fatores que propiciam a indisciplina se referem às condições do contexto socioeconômico (15,6%) e ao acesso irrestrito às tecnologias de informação, a exemplo dos celulares e computadores (15,6%). Acerca da educação no contexto familiar, é possível observar como emergiram as concepções dos pais a seguir, na Tabela 3:

TABELA 3. Como se dá o processo educativo no contexto familiar

CATEGORIAS	F	(%)
Eu faço minha parte, mas os outros pais não cumprem seu papel	24	33,0
Educar é difícil	12	16,0
Lá em casa a lei não interfere, porque quem faz a lei sou eu	7	9,3
A gente tenta educar conversando	7	9,3
A gente dá conselho, mas eles não seguem	6	8,0
Se não andar na linha, vai pro cassete	6	8,0
Não castigo tirando as melhores coisas deles porque não tem o que tirar	5	6,7
Não tem como diminuir a indisciplina dos filhos	5	6,7
Uso do castigo	3	3,0
TOTAL	75	100

No que concerne as concepções dos pais sobre a educação no contexto familiar, em cerca de 33% das falas, os pais afirmaram fazer a sua parte, mas que alguns pais não cumprem com o seu papel e, muitas vezes, atribuem essa tarefa a escola. Teixeira (2013) explica que muitas famílias estão deixando de exercer seu papel educativo, e acabam atribuindo parte considerável dessa responsabilidade para a escola que, por sua vez, tem se tornado cada vez mais sobrecarregada e incapaz de cumprir todo o processo educacional.

É preciso que as instituições, família e escola, na sua posição primordial na formação humana, estreitem os laços no cumprimento da sua função educativa: família na imposição de limites, valores éticos e morais e a escola, principalmente, com seu posto pedagógico. No contexto familiar, o sujeito vive e aprende os primeiros saberes, os quais serão complementados com a vivência de mundo e principalmente as experiências aprendidas na escola. (TEIXEIRA, 2013).

Em cerca de 16% das falas, as mães entrevistadas, relataram que educar é difícil, sobretudo pelas intensas mudanças verificadas no contexto social aos longos das últimas décadas, ainda mais considerando o fato de que, cada vez mais, o ato educativo exige dedicação, paciência e autoridade do agente educador. Um outro fator que tem dificultado na educação familiar, segundo os relatos das mães, é o fato de muitas serem mães solteiras, o que se tornou uma situação corriqueira na sociedade atual e dificulta, direta ou indiretamente, no processo educativo dos filhos, uma vez que a mãe precisa exercer a responsabilidade de educar sem poder, muitas vezes, contar com o auxílio dos pais para isso.

*“É trabalho a pessoa cuidar de filho sozinho” (PA1).*

No que se refere às formas de educar, em cerca de 44,3% das falas, as mães afirmam que não dão mau conselho e que conversam com os filhos, mas que eles não escutam (17,3%). Outras afirmam que, caso o filho não ande na linha, castigam (11%) e que a lei não interfere na sua forma de educar porque elas mesmas fazem as leis (9,3%). Enquanto que outras mães (6,7%) admitem não ter o que tirar dos filhos como forma de castigo.

Em cerca de 6,7% das falas, as mães alegaram ainda não haver formas possíveis de minimizarem os comportamentos de indisciplina dos filhos, como é possível observar na fala abaixo:

*“Não tem e eu tô pensando em falar com a casa de apoio pra botar ele pra lá. Porque ou eu boto (na casa de apoio) ou ele vai morrer cedo ” (PA1).*

De modo geral, o que se percebe é que a educação no contexto familiar se encontra muito fragilizada e, nesse cenário, alguns pais atribuem a responsabilidade de educar à escola, enquanto outros admitem a possibilidade de contar com a intervenção das casas de apoio pelo fato de não conseguirem lidar com os próprios filhos. Pode-se considerar, portanto, a possibilidade de que todas essas dificuldades e limitações encontradas nos contextos familiares terminam por se refletir no comportamento dos filhos no espaço escolar. Acerca da educação no contexto escolar, é possível visualizar as concepções dos pais abaixo, na Tabela 4:

TABELA 4. Como se dá o processo educativo no contexto escolar/relação família-escola

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	F	(%)
Os professores têm “marcação” com os alunos		13	37,2
A escola não deve falar que o filho é espelho dos pais		11	31,4
Reuniões	Não gosta de participar das reuniões	7	20,0
	Sempre que mandam chamar na escola, eu vou	4	11,4
TOTAL		22	100

A partir do exposto na Tabela 4, verifica-se que cerca de 37,2% das mães alegaram que os professores têm “marcação” com os filhos. Para compreender esses dados, é importante considerar o fato que esses são os pais dos alunos que, com frequência, apresentam comportamentos de indisciplina na sala de aula e são chamados a comparecer às reuniões da escola, sendo esses alunos, portanto, sempre lembrados e citados pelos professores nas diversas situações de desordem. Algumas mães alegaram ainda que alguns professores descontam seus estresses nos alunos:

*“Às vezes o meu (filho) não faz nada e o professor cai em cima dele” (PA1).*

*“Os problemas (o professor) tem que deixar em casa” (PA2).*

*“Meus filhos é pra mim exemplar e mais ninguém” (PA2).*

Diante do exposto, é preciso ressaltar a posição difícil em que se encontra o profissional docente nessas situações, visto que lidam cotidianamente com a desvalorização salarial, muitas vezes, o descaso por parte dos gestores, além das salas de aula lotadas e alunos indisciplinados,

pelos quais, muitas vezes, são responsabilizados pelos pais por lidar de modo incorreto por um tipo de conduta que eles próprios, na condição de pais, não conseguem resolver.

Por outro lado, no que diz respeito à relação professor-aluno, não se pode descartar também o fato de que é importante que o professor, na condição de mediador responsável por promover a aprendizagem aos seus educandos, procure estabelecer uma relação afetiva com estes. Mello e Rubio (2103, p. 9) explicam que: “um educando aprende o que é respeito e respeita a partir do momento em que vê o educador como um amigo que tem e espera respeito, como alguém que se preocupa de verdade com ele e que lhe mostra os caminhos”. Destaca-se que, de acordo com o relato de uma mãe, a filha se comporta do jeito que tratam ela, isto é, se tratarem ela bem, ela vai responder de forma positiva, e em caso contrário, responde mal também:

*“Se tratar ela (filha) mal, você não sabe o que ela é capaz de fazer dentro de uma escola dessa”.* (PA2)

De acordo com o posicionamento da mãe, a comunidade escolar também deve cumprir seu papel no processo disciplinador. O professor deve estabelecer relações que, ao invés de distanciar os laços, estreitem, a fim de promover uma interação professor-aluno que seja boa o suficiente para facilitar o ensino e a aprendizagem. Além disso, observa-se que, em aproximadamente 31,4% das falas, as mães alegaram que não gostam quando a escola fala que o comportamento dos filhos é reflexo dos pais:

*“Quando você chega na escola, a primeira coisa que eles (professores) dizem: o filho é exemplo do pai”* (PA2).

*“A escola deve incentivar a gente cuidar o filho, não dizer que (filho) é espelho do pai”* (PA2).

*“Mentira que o filho é o espelho do pai”* (PA3).

A esse respeito, Lima et al (2012) explicam que, para haver um trabalho em parceria com as famílias, é fundamental que a escola esteja aberta para compreender e respeitar a condição das famílias. Nesse sentido, considera-se que a comunidade escolar deve alertar sobre a importância e função da família na educação dos filhos ao invés de atribuir a culpa do mau comportamento dos alunos diretamente ao contexto familiar. Segundo Nogueira et al (2015):

Com sutileza e cuidado a escola deve chamar a atenção dos pais, despertá-lo para suas responsabilidades, mostrar o quanto é valioso para a criança a participação dos pais

na vida escolar, a presença nas reuniões, datas comemorativas, sempre informar aos pais sobre os fatos ocorridos ou que irão acontecer, falar sobre o desempenho do aluno, tentar ao máximo não cometer erros, taxar os alunos disso ou daquilo, pois quando falamos dos filhos dos outros é necessário muita cautela e o uso constantes de palavras adequadas. (NOGUEIRA ET AL, 2015, P.5)

Observa-se ainda que em 20% das falas, as mães alegaram não gostar de participar da reunião de pais, o que atribuíram, principalmente, ao fato de poucas mães comparecem, como é possível visualizar nas falas a seguir:

*“De 100 mães, faz uma reunião vem 50” (PA3).*

*“Quando a gente vem pra reunião, os meninos cansam de dizer: eu quero ser filha de fulano porque vem para as reuniões”. Quando tem as festinhas que é pra ela (a mãe) ver a apresentação da menina ela não vinha. No caminho a menina vinha chorando dizendo que a mãe só queria saber de tira o bolsa família e não ia na escola ver apresentação dela” (PA3).*

Pode-se dizer, portanto, que muitas vezes os pais parecem estar muito atentos às questões econômicas e não levam em consideração a importância da escolarização dos filhos, tornando-se, muitas vezes, ausentes e fazendo com que as crianças se mostrem cada vez mais necessitadas de afeto e atenção. E muitas vezes, essa ausência dos pais na vida emocional dos filhos, reflete na forma como essas crianças e adolescentes estabelecem as suas relações interpessoais, apresentando condutas indisciplinadas, frequentemente, com o intuito de despertar o cuidado e a atenção dos outros. Ainda acerca da sua presença nas reuniões com a escola, verificou-se que em 11,4% das suas falas sobre esse tema, as mães alegam que sempre que chamam na escola, elas comparecem para saber o que está acontecendo:

*“Se eu puder, se não for por questão de doença, se eu tiver no trabalho eu venho me embora (para a escola) saber o que tá acontecendo” (PA2).*

Alguns pais, sejam pelo fato do filho apresentarem comportamentos de indisciplina com frequência, seja pelo cuidado na vida escolar dos filhos, comparecem com frequência à escola. Essa articulação entre escola e família, no que diz respeito aos comportamentos de indisciplina que se configuram no contexto escolar, consiste em uma iniciativa fundamental para que os casos de indisciplina sejam minimizados. Se ambas as instituições educativas atuarem de forma conjunta, a fim de proporcionar situações melhores de convivência, muito provavelmente, as situações de indisciplina podem ser reduzidas.

TABELA 5. Como os pais acham que a escola deve proceder em casos de indisciplina dos filhos

CATEGORIAS	F	(%)
Dar exemplo e não mandar o aluno para casa	15	38,5
Deve castigar	10	25,6
A escola já faz seu papel	9	23,1
Colocar pra casa é o que eles querem	5	12,8
TOTAL	39	100

Conforme 51,3% das falas das mães entrevistadas, a escola deve dar o exemplo e não mandar os alunos para casa (38,5%), porque, além de ser o que eles desejam (12,8%), quem deve educar é a escola:

*“Se botar (filho) pra casa volto com ele na mesma hora pra escola” (PA3).*

*“O exemplo tem que vim da escola” (PA3).*

Em cerca de 25,6% das falas, as mães também disseram que a escola deve castigar quando o filho apresentar comportamentos de indisciplina, como é possível visualizar nas falas a seguir:

*“Com certeza (se a escola colocar o filho de castigo) os colegas vão encher o saco dele e ele não vai fazer mais nada” (PA2).*

*“Se ele (filho) desobedece a gente em casa, a gente num dá o castigo (PA3) ”.*

Observa-se, portanto que, para as mães, a escola deve se responsabilizar pelos comportamentos dos filhos enquanto esses estiverem sob a responsabilidade desta e que, assim como consideram que deve ocorrer no contexto familiar, cabe à escola punir de alguma maneira os alunos ao invés de mandá-los para casa. Assim sendo, pode-se dizer que os pais, por limitações sociais e, até mesmo, educacionais, mantêm expectativas e atribuem responsabilidades punitivas à escola, sendo esta uma função que não lhe compete. Contudo, é importante salientar que a escola não tem autoridade nem está autorizada para exercer esse tipo de conduta. Não cabe à escola punir um filho na ausência da família. As famílias precisam lembrar que a escola é uma instituição que tem por obrigação cumprir a função pedagógica na educação dos seus filhos e que sua atuação tem limites bem estabelecidos. O exercício de determinados tipos de punições, envolvendo sacrifícios físicos e constrangimento dos alunos é vedado às escolas.

Por outro lado, é interessante observar que, de acordo com 23,1% das falas das mães, a escola é ótima e já cumpre seu papel, pois, além de ligar para os pais alertando sobre mau comportamento, também dá assistência aos alunos que apresentam problemas de cunho particular, como é o caso dos que apresentam necessidades educacionais específicas. Acerca da relação a relação dos filhos com a escola e os estudos, é possível visualizar as concepções dos pais a seguir, na Tabela 6:

TABELA 6. Como os pais percebem a relação dos filhos com os estudos e a escola

CATEGORIAS	F	(%)
Conflito entre gostar e não gostar de estudar	16	67,7
Brigas e mau comportamento	8	33,3
TOTAL	24	100

A partir do exposto na Tabela 6, verifica-se que em 67,7% das suas falas, os pais afirmam que os alunos se encontram envoltos no conflito entre gostar e não gostar de estudar, o que acaba repercutindo sobre o seu comportamento no contexto escolar e comprometendo a qualidade dos estudos dos outros, como é possível verificar na fala a seguir:

*“Os alunos que não querem estudar vão atrapalhar os outros” (PA3).*

Observa-se ainda que, segundo 33,3% das falas dos pais, os filhos são chamados a atenção na escola por brigas e mau comportamento, que se configuram desde as manifestações verbais a agressões físicas. Conforme explica Andrade (2014) as disputas no contexto escolar, sejam estas o autoritarismo, a incompetência, o desrespeito às diferenças, o descontrole emocional, as injustiças, a comunicação distorcida e a falta de motivação podem influenciar nos comportamentos de indisciplina dos alunos. Ainda no que diz respeito aos comportamentos de indisciplina e as concepções dos pais sobre os mesmos, elencadas no presente estudo, é possível verificar, de um modo geral que, apesar dos pais saberem o que é disciplina e como ela se configura no contexto escolar, estes se isentaram de ter qualquer participação ou responsabilidade pelo mau comportamento dos filhos, atribuindo esse tipo de conduta ao contexto social e às amizades, às características particulares dos filhos, bem como à legislação que, para os mesmos, impede que eles eduquem da forma como gostariam de educar.

## 6.2. Concepções elencadas no grupo focal de professores

Acerca das concepções dos professores sobre o que seja a indisciplina, é possível visualizar as categorias nas quais se subdividiram as suas falas a partir da Tabela 7, a seguir:

TABELA 7. O que os professores entendem por indisciplina

CATEGORIAS	F	(%)
É uma forma de desrespeito	6	50,0
É um excesso de liberdade	3	25,0
A indisciplina acontece em qualquer ambiente	3	25,0
TOTAL	12	100

Observa-se que, em 50% das suas falas, os professores associaram a indisciplina ao desrespeito nas relações interpessoais e em 25% das falas, associaram esse comportamento ao excesso de liberdade, alegando que as famílias, de modo especial, são muito permissivas no comportamento dos filhos:

*“A liberdade é grande demais” (PR1).*

Conforme explica Bellia e Santos (2014) a falta de limites que os alunos vêm demonstrando dia-a-dia, deve-se, principalmente, ao fato dos pais estarem se omitindo quanto ao seu papel de educar. A educação familiar é primordial na formação do indivíduo para o convívio social, uma vez que é a partir do contexto familiar que as crianças têm seu primeiro contato com a educação e as aprendizagens. Se a criança, no convívio familiar, aprende a valorizar e respeitar o próximo, no contexto escolar, ela refletirá esse aprendizado.

Ainda de acordo com 25% das falas dos professores a indisciplina acontece em qualquer ambiente, seja no contexto escolar ou familiar. Segundo Ricardo (2013), uma possível razão para isso se dá pelo fato das crianças indisciplinadas não admitirem receber ordens e não conhecerem as regras que devem cumprir, nem tampouco os limites impostos pelo professor ou pela escola. Quanto aos fatores que os professores entrevistados consideram que contribuem para a indisciplina, pode-se verificá-los a seguir, na Tabela 8:

TABELA 8. Concepções dos professores sobre os principais fatores que contribuem para a indisciplina no contexto escolar

CATEGORIAS	F	(%)
Legislação	20	28,3
Desinteresse dos alunos	14	19,7
Distorção a função da escola	13	18,3
Famílias desestruturadas	10	14,1
Falta de limites nos alunos	5	7,0
Obrigação de estar na escola	3	4,2
Alunos especiais	3	4,2
Questão social	3	4,2
TOTAL	71	100

De acordo com o exposto na Tabela 8, verifica-se que a legislação, o desinteresse dos alunos, a distorção da função escolar e a falta de estrutura familiar foram apontados como os principais fatores que contribuem para a indisciplina no contexto escolar. Observa-se que em falas de 28,3% das falas dos professores sobre os fatores que contribuem para a indisciplina, os profissionais alegaram que perderam a autonomia no espaço escolar, uma vez que a legislação deu muita liberdade aos alunos, o que se refletiu na decadência da autoridade docente. Todas essas circunstâncias tem um efeito caótico no que se refere ao comportamento dos alunos no contexto escolar:

*“Antigamente os professores tinham todo o direito na sala de aula, hoje em dia não, quem tem é o aluno. Você (professor) não pode falar nada” (PR2).*

*“Não podemos nem dar suspensão. Antes podíamos” (PR2).*

*“As leis querem ver o direito (dos alunos) ” (PR3).*

Ainda no que se refere aos fatores relacionados à indisciplina, 19,7% dos professores associaram ao desinteresse dos alunos, salientando que vários fatores podem contribuir para isso, a começar pela obrigação do aluno estar na sala de aula:

*“Nem todo mundo nasceu pra estudar” (PR2).*

*“Estamos com uma clientela de alunos que não querem estudar e que vem pra escola por obrigação” (PR2).*

*“Deveria ser como antes. Você quer estudar, vai ter direito de estudar, senão quiser estudar você vai trabalhar” (PR1).*

O fato do aluno não querer estudar e ter que estar na sala de aula é um fator precursor para que o aluno apresente comportamentos de indisciplina. Contudo, será que os alunos não gostam de estudar ou não gostam das normas estabelecidas pelo sistema educacional? Será que se as escolas utilizassem métodos de trabalho que tornassem o processo de ensino-aprendizagem mais prazeroso e que, sobretudo, favorecessem o estabelecimento de relações educador-educando, educando-educando mais harmoniosas, não seriam, então, minimizados os casos de indisciplina? Garcia (1999, p. 103) explica que se desejamos que tais alunos avancem quanto ao senso de cidadania, será necessário prepará-los para pensar e resolver conflitos, ou favoreceremos também, ao final, uma inabilidade para elaborar e participar das soluções para as questões sociais que perpassam a escola.

O professor na situação de educador e mediador do conhecimento, precisa de um ambiente propício para que o processo de ensino-aprendizagem tenha êxito. Nesse sentido, observa-se que os professores atribuem às leis a responsabilidade pela precarização da sua autoridade no ambiente escolar, como afirma uma professora: *“o problema da gente é a lei”* (PR4). Para eles, a lei é que não permite aos professores ter autoridade no espaço escolar: *“tudo o que fizermos pode se voltar contra nós”* (PR4).

Outro fator que, na concepção dos professores, tem contribuído para a indisciplina é a distorção da função da escola, como é possível verificar em 18,3% das falas dos professores:

*“A família tem que colocar na cabeça que a escola é para escolarizar”* (PR3).

*“Respeito e limites é a família quem deve ensinar”* (PR3).

*“A gente tem que educar quando na verdade essa é uma responsabilidade da família”* (PR4).

*“A função da escola, não é fazer as atribuições que a mãe e o pai devem fazer em casa”* (PR5).

A falta de estrutura familiar também é apontada como um dos fatores que corrobora com a indisciplina, de acordo com 14,1% das falas dos professores:

*“Muitos são criados pelos avós (a maioria), pais separados, pais presos”* (PR3).

Outro fator relacionado aos comportamentos de indisciplina e mencionado em 7% das falas dos professores foi a falta de limites na escola:

*“Os filhos não têm limite dentro da sua própria casa” (PR1).*

A falta de limites em casa é um problema que afeta drasticamente o trabalho do professor, pois os alunos chegam à sala de aula achando que também podem fazer o que querem, da mesma forma que fazem em casa, e o professor precisa ter firmeza para tentar diminuir essa falta de limites. (SILVA, 2015, p. 50).

A obrigação de estar na escola (4,2%) também é um fator que, segundo as concepções dos professores, facilita os comportamentos de indisciplina. Os alunos não gostam de estudar, não querem ir pra escola e de repente, por questões adversas, precisam estar no ambiente escolar:

*“Um aluno me disse uma vez: Professor eu venho pra escola porque minha mãe manda, sou obrigado”. De manhã quando estou dormindo, ela me acorda beliscando, me chamando de condenado, satanás [...]” (PR1).*

*(Os pais) mandam os filhos para escola pelo bolsa família e porque a justiça obriga (PR2).*

Os alunos com necessidades educacionais específicas (4,2%), pelo fato de não poderem ser punidos, também tem preocupado a comunidade escolar por estarem sendo usados pelos alunos indisciplinados quando estes querem encobrir seus atos, atribuindo a culpa aos primeiros e envolvendo os mesmos em situações de indisciplina:

*“Temos um aluno com problemas que não dava trabalho. Hoje os alunos já estão incentivando e o comportamento dele está mudando. Os alunos mandam chamar as colegas e ele faz gestos obscenos” (PR1).*

Todos esses fatores, além da influência social (4,2%), contribuem para os comportamentos de indisciplina no espaço escolar, conforme relatam os professores.

Quanto às características que os professores atribuíram aos alunos considerados disciplinados, estas podem ser visualizadas a seguir, na Tabela 9:

TABELA 9. O que os professores entendem por alunos disciplinados

CATEGORIAS	F	(%)
São participativos	7	50,0
Têm comportamento exemplar	7	50,0
TOTAL	14	100

Nas falas dos professores sobre as suas concepções acerca do que seja um aluno disciplinado, observa-se que em 50% delas os profissionais alegaram que estes são alunos participativos, dedicados e interessados nas aulas, enquanto nos outros 50% das falas os

professores associaram a disciplina dos alunos ao que chamaram de comportamento exemplar, isto é, aquele aluno que respeita e deixa o professor dar aula, que não precisa tirar nota máxima nas atividades escolares, mas que contribui para a eficiência do ensino e também da aprendizagem.

TABELA 10. O que os professores entendem por alunos indisciplinados

CATEGORIAS	F	(%)
Atrapalham o desempenho dos colegas	9	52,9
Desrespeitam e atrapalham o professor	8	47,1
TOTAL	17	100

Diante do exposto na Tabela 10, verifica-se que em 52,9% das falas dos professores entrevistados estes alegaram que os alunos indisciplinados eram aqueles que atrapalham o desempenho dos colegas:

*“Não fazem as atividades, desrespeita o professor, provocam os colegas e ficam o tempo todo passeando na sala” (PR3).*

Nos outros 47,1% das suas falas sobre as características dos alunos indisciplinados, os professores associaram à indisciplina aos alunos desrespeitam e atrapalham o professor:

*“Você planeja uma aula e de repente não atinge” (PR3).*

*“Temos um aluno aqui que quando ele está na sala não deixa ninguém dar aula. Você perde pra ele sentar, ele senta, de repente já está em pé de novo. Ele desrespeita o professor. É um caso sério. Vive perturbando o professor: professor roubaram meu lápis, professor [...]” (PR5).*

Portanto, observa-se que, além de atrapalhar a atuação docente, a indisciplina também dificulta a aprendizagem dos colegas e, por consequência, compromete a qualidade do processo de ensino-aprendizagem. O aluno contestador da norma estabelecida pelas escolas também é muitas vezes considerado um aluno indisciplinado. Partindo dessa premissa, Vieceli (2015, p. 66) explica que o protesto do aluno é, em muitos momentos, considerado inadequado, porém, o que se evidencia na prática é que ele vem buscar uma nova alternativa em relação ao que vem encontrando no ambiente escolar ou ao que vem sendo submetido nesse espaço.

Entretanto, vale ressaltar que nem sempre quando as manifestações dos educandos divergem das normas estabelecidas e esperadas pelas escolas significa dizer que o aluno é

problemático. Seria este tipo de comportamento, uma forma de manifestação contrária às regras institucionais pelo fato de não se adaptarem aquela situação:

Na escola, é proibido falar durante a aula; tem que assentar-se na posição correta para não agredir a coluna; não pode levantar-se da cadeira; é preciso levantar a mão para falar, para dizer que precisa ir ao banheiro. No recreio, não se deve correr para não cair; é aconselhável não brincar com terra, porque suja o corpo e o material escolar; não pode ir beber água o tempo todo; durante as atividades, não se pode olhar de lado nem conversar com o colega (Vieceli, 2005, p. 66).

Como em qualquer instituição, há necessidade de estabelecer regras na escola a fim de atingir os objetivos propostos pela mesma, porém, essas regras devem estar de acordo com o contexto social dos indivíduos. Garcia (1999) explica que a escola ainda está mal aparelhada para lidar com casos isolados de alunos indisciplinados, alertando sobre a necessidade de mudanças no sistema educacional, sobretudo, no que diz respeito à adaptação da escola à sociedade contemporânea. Nesse sentido, destaca-se que emergiram nas falas dos professores concepções acerca de qual seria a função da família na educação dos filhos, como é possível visualizar a seguir, na Tabela 11:

TABELA 11. Como os professores acham que a família deve proceder na educação dos filhos

CATEGORIAS	F	(%)
Devem impor limites aos filhos	13	54,1
Devem punir tirando as coisas que mais gostam	6	25,0
Ter a obrigação de educar	5	20,9
TOTAL	24	100

A partir da apreciação da Tabela 11, observa-se que em 54,1% das suas falas, os professores destacaram que a família deve impor limites aos filhos, alegando que os pais estão cada vez mais permissivos e os filhos têm muita liberdade para fazerem o que querem:

*“Os filhos não têm limite dentro da sua própria casa”.* (PR1)

*“Hoje as pessoas parecem que não querem ter o trabalho de educar os filhos”.* (PR3)

Observa-se ainda que em 25% das suas falas, os professores afirmaram que os pais devem punir os filhos tirando deles as coisas que mais gostam, sendo esta, para os profissionais, uma possível forma de impor limites:

*“O aluno não tem castigo algum”* (PR1).

*“Limite nunca matou ninguém”* (PR3).

*“Os pais estão soltando os filhos e acham que a escola é um depósito”* (PR3).

*“A família tem que colocar na cabeça que a escola é para escolarizar”* (PR3).

Ressalta-se que tanto a escola quanto a família têm passando por profundas transformações ao longo da história. Muitas famílias estão atribuindo à escola a responsabilidade pela educação dos filhos, desde o ensino das disciplinas específicas até a educação de valores e a formação do caráter, além de esperarem que o professor supra a carência afetiva que muitas crianças trazem de casa (LEITE E GOMES, 2013).

O fato de as mães e/ou responsáveis terem de trabalhar para ajudar no sustento da casa, tem feito com que essas pessoas venham transferindo parte significativa da sua função educativa à escola que, por sua vez, encontra-se cada vez mais sobrecarregada e, muitas vezes de mãos atadas, sem saber como lidar para suprir a ausência da educação na família. Weber et al (2004, p.330) explicam que “os pais atuais precisam ter acesso ao conhecimento de práticas educativas que sejam eficazes para criar e manter um repertório de comportamentos adequados, desenvolver habilidades sociais e manter uma dinâmica familiar com muito afeto positivo e comprometimento.”

A família, de acordo com 20,9% das falas dos professores, tem obrigação de educar e não atribuir uma função que é sua aos professores e à escola. Tiba (1996) explica que “há duas leis que a criança deve aprender desde cedo: a criada pelos homens (sentido moral e ético da sociabilidade) e a lei natural, a lei do respeito aos mais fortes que, para a criança, são os pais. A esse respeito, o autor alerta ainda que:

Não convém enfatizar demais a lei do mais forte, pois, pelo decurso natural da vida, um dia esse filho será mais forte, e seu pai deverá ainda ser obedecido, não pela força física, que já terá perdido, mas pela lei do amor que impõe o verdadeiro respeito, sem medo ou constrangimento. (p. 199).

Assim sendo, Tiba (1996) argumenta que o papel da família é promover a educação baseada em valores éticos e morais, além de estabelecer limites comportamentais aos filhos, sem privar da liberdade, clarificando ainda que “a melhor disciplina é a regida pela liberdade. Contudo, muitos pais perdem-se nela. Liberdade é poder material e psicológico, mas só tem valor quando associada à responsabilidade. Liberdade absoluta não existe, pois está sempre relacionada a algo” (TIBA, 1996, p.58). É importante que os pais orientem os filhos acerca da

‘liberdade’ comportamental e até que ponto vai o limite desta nas relações com os outros, isto é, deve-se ensinar a liberdade dentro das limitações que o bom convívio em sociedade impõe.

Acerca das concepções dos professores sobre a participação da família na vida escolar dos filhos, é possível visualizar como os profissionais se expressaram a seguir, na Tabela 12:

TABELA 12. Concepções dos professores sobre como se configura a relação família-escola

CATEGORIAS	<i>F</i>	(%)
Nas reuniões só aparecem os pais dos alunos que estão bem na escola	5	62,5
A relação família-escola é satisfatória	3	37,5
TOTAL	8	100

Diante do exposto na Tabela 12, pode-se averiguar que em 62,5% das suas falas, os professores afirmaram que, só comparecem nas reuniões, os pais de alunos que estão bem na escola, ou seja, àqueles pais que, provavelmente, estão mais atentos à educação dos filhos.

No restante dos 37,5% das suas falas, os professores abordaram a questão da relação família-escola e classificaram a mesma como sendo satisfatória, alegando, contudo, que as famílias deveriam participar mais da vida escolar dos filhos. Nessa premissa, Almeida e Amorim (2012) explicam que, quando as famílias são participativas, elas promovem a integração dos alunos e a qualidade do processo de ensino-aprendizagem. Se a família cumpre o seu papel de educar e a escola, concomitantemente o faz, mantendo essa articulação durante o processo educativo, o aluno terá mais subsídios para favorecer a sua aprendizagem. Acerca das concepções dos professores sobre como minimizar os comportamentos de indisciplina na escola, é possível visualizar as categorias nas quais se subdividiram as falas dos profissionais na Tabela 13:

TABELA 13. Ponto de vista dos professores sobre os fatores que poderiam minimizar os comportamentos de indisciplina na escola

CATEGORIAS	<i>F</i>	(%)
Mudar as leis em prol do professor	6	46,2
A escola não deveria ser depósito de alunos problemáticos	4	30,8
A escola deveria ser como antes: impor limites	3	23,0
TOTAL	13	100

Na Tabela 13, pode-se observar que em 46,2% das suas falas, os profissionais alegaram que há necessidade de mudar as leis com o propósito de torna-las mais favoráveis aos professores, a fim de minimizar os casos de indisciplina, afirmando ainda, em 23% das suas falas que a escola deveria ser como antigamente e impor limites:

*“Rasgar o ECA (Estatuto da Criança e do Adoscelente) ” (PR2).*

*“Não temos autonomia” (PR2).*

*“Se a lei não mudar em prol do professor, não tem como” (PR3).*

Acerca da autonomia docente, destaca-se que esta tem sofrido algumas mudanças ao longo do tempo e, para os professores, esse fato tem dificultado o exercício da sua função no que diz respeito a estabelecer limites na sala de aula. Com alunos cada vez mais independentes no contexto social. Destaca-se que, de fato, faz-se necessário repensar o dia a dia da sala de aula, bem como fatores que influenciam e repercutem sobre o processo educativo.

Contudo, é importante salientar que a função do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) é assegurar que sejam preservados os direitos da criança e do adolescente no seu convívio no contexto social e não comprometer o trabalho do professor em sala de aula. De acordo com o Art. 2. “ A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. ”(BRASIL, 2005, P.75).

Ainda em 30,8% das suas falas, os professores alegaram que a escola onde foi realizada a pesquisa em questão não deveria ser tratada como um depósito de alunos problemáticos, pois consideram que todos alunos cujos comportamentos são considerados indisciplinados e, provavelmente, intoleráveis nas outras instituições de ensino fundamental, são mandados para a escola:

*“Imagino que as escolas achem que todos os problemas aqui são resolvidos ou que aqui é um depósito de alunos com mau comportamento” (PR3).*

Com relação aos possíveis aspectos que poderiam contribuir para minimizar a indisciplina na escola, destaca-se que emergiram, a partir das falas dos professores, três categorias, sendo estas: “conhecer o histórico do aluno”; “conversar com o aluno” e “não há o que fazer”, cujas frequências e percentual podem ser vistos a seguir, na Tabela 14:

TABELA 14. Em quais aspectos os professores poderiam contribuir para minimizar a indisciplina dos alunos

CATEGORIAS	F	(%)
Conhecer o histórico do aluno	13	65,0
Conversar com o aluno	4	20,0
Não há o que fazer	3	15,0
TOTAL	17	100

A partir da apreciação da Tabela 14, verifica-se que, em 65% das suas falas, os professores alegaram que para minimizar os comportamentos de indisciplina no espaço escolar, precisariam conhecer o histórico do aluno, que a escola muitas vezes omite. Não há como oferecer ajuda a algo desconhecido. Conforme afirma Silva (2013, p. 21) “é necessário conhecer-se o aluno para que se possa definir e delinear uma estratégia para se trabalhar com ele”.

O professor só pode contribuir para minimizar e, até mesmo lidar com alunos que apresentam comportamentos de indisciplina, se conhecer o aluno. Muitas vezes os alunos são transferidos de outras escolas por mau comportamento e os professores não sabem, ao menos, os motivos pelos quais foram transferidos.

Observa-se ainda que 20% das falas dos professores se referem ao fato que conversar com o aluno seria uma forma de entendê-lo e possivelmente tentar ajudá-lo, enquanto em 15% das falas, chegaram a alegar não poderem fazer nada para minimizar os casos de indisciplina, uma vez que corresponde a um comportamento que foi cultivado no contexto familiar e que a escola está longe de poder resolvê-los. Entretanto, vale ressaltar que, por mais que os professores não resolvam uma carência da educação familiar, ele precisa estabelecer noções de disciplina no espaço escolar, haja vista que “é essencial à educação saber estabelecer limites e valorizar a disciplina. E para isso é necessária a presença de uma autoridade saudável” (TIBA, 1996, p.19).

TABELA 15. Como a escola procede quando acontecem situações de indisciplina

CATEGORIAS	F	(%)
Utiliza o livro de ocorrência e notifica aos pais	11	68,8
A escola dá assistência aos alunos com problemas psicológicos	5	31,2
TOTAL	16	100

A partir do exposto na Tabela 15, verifica-se que em 68,8% das falas dos professores, a direção faz o registro no livro de ocorrência e notifica os pais quando acontecem situações de indisciplina. Os professores alegaram que o livro de ocorrência serve como uma ferramenta de registro cumulativo para, no caso de acontecerem situações mais graves, a escola ter um

documento para comprovar o histórico do aluno. Nessas situações em que ocorrem comportamentos de indisciplina, portanto, a direção da escola convoca os pais para que assinem no livro que tiveram ciência do ato indisciplinar, com registro da data e da hora.

*“Os pais estão tão acostumados que chegam aqui com a cara lisa (para assinar o livro de ocorrência) ” (PR5).*

Ainda de acordo com 31% das falas dos professores, a escola dá assistência aos alunos considerados “problemáticos”, encaminhando e levando os alunos para realizar acompanhamento psicológico e até, se responsabilizando pela administração dos medicamentos, quando necessário. Fica claro, portanto, que a escola já está indo além do que se espera enquanto responsabilidade sua, visto que “teoricamente, a família teria a responsabilidade pela formação do indivíduo, e a escola, por sua informação” (TIBA, 1996, p. 110).

Nesse sentido, mesmo considerando que o papel da escola vá além do “informar” e compreenda uma responsabilidade compartilhada com a família pela formação do aluno, observa-se que, muitas vezes, a escola termina sendo obrigada a preencher o espaço deixado pela ausência da família, a qual, em certas ocasiões, aproxima-se, mais do deveria, do comportamento de negligência.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os comportamentos de indisciplina tem sido uma das grandes adversidades para a efetivação do processo ensino-aprendizagem no espaço escolar, visto que problematiza a atuação docente, as relações entre os pares e, conseqüentemente, a concentração dos alunos em virtude da desordem na sala de aula.

De acordo com os dados obtidos a partir das concepções dos pais, observou-se que estes relacionaram a indisciplina ao desrespeito, à má educação e às características particulares dos filhos, argumentando que, mesmo na posição de educadores fundamentais, não viam como minimizar esses tipos de comportamento em decorrência, sobretudo, das limitações impostas pelo sistema legislativo, que não permitiria que estes educassem seus filhos da forma que forma desejavam. O que se percebe na sociedade contemporânea, são pais cada vez mais ausentes e filhos cada vez precisos de uma educação pautada no limite, valores éticos e morais para vivência e convivência social, além da própria desestrutura no seio familiar. Toda essa carência, que tem se verificado na relação pai e filho tem sido refletida de forma negativa na escola, que direta ou indiretamente, tem assumido uma responsabilidade educativa para além da sua capacidade de alcance.

No que concerne as concepções dos professores, verificou-se que os profissionais acreditavam que a indisciplina seria um reflexo da falta de limites impostos em casa, além do desinteresse dos próprios alunos. Para os professores, os pais estariam cada vez mais permissivos e atribuindo à escola a responsabilidade pela sua função de educar, alegando ainda, assim como fizeram os pais, que não havia como minimizar os casos de indisciplina porque sua autoridade em sala de aula estaria limitada pela legislação. Enquanto alternativa para minimizar esses problemas, os profissionais sugeriram, inclusive, “rasgar o ECA”.

Partindo-se desses pressupostos, fica evidente a necessidade que das instituições familiar e escolar, repensem suas práticas educativas, de modo que saibam como e para que estão educando, sobretudo no que tange aos aspectos sociais e afetivos, que também são da ordem do educar. Nesse sentido, é preciso considerar a necessidade de que as famílias e as escolas se articulem e compreendam a importância do seu papel no processo educativo, que diz respeito não só à contribuição dos conteúdos formais e ao desempenho acadêmico dos educandos, mas também à humanização e à formação dos mesmos para o exercício da cidadania, da ética e para o bom convívio social.

Tendo em vista os objetivos do estudo e as suas possibilidades de contribuição para elucidar os fatores que se interpõem na problematização da disciplina em sala de aula, especificamente, na escola estudada, a qual se encontra inserida na realidade do município de Cuité, no Estado da Paraíba, é importante que esses resultados retornem para comunidade escolar e que pesquisas posteriores se aprofundem sobre o tema. Destaca-se ainda que, além da ótica familiar e escolar, é relevante que as concepções dos alunos acerca do tema em questão sejam investigadas, a fim de esclarecerem, do seu ponto de vista, quais são os fatores que corroboram com os comportamentos de indisciplina no espaço escolar, considerando a tríade: pais, professores e alunos.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina na escola**. Grupo Editorial Summus, 1996. 145p. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=HmoRkcRLzqIC&oi=fnd&pg=PA9&dq=indisciplina&ots=IopG5SPgdI&sig=zo3G5JfT5pV4RJfo4hiArJ26zZ8#v=onepage&q=indisciplina&f=false>>. Acesso em: 04/09/2016.

AQUINO, J. G. **A violência escolar e a crise da autoridade docente**. Cadernos Cedes, v. 19, n. 47, p. 7-19, 1998. Disponível em: <<http://wwwb.scielo.br/pdf/%0D/ccedes/v19n47/v1947a02.pdf>>. Acesso em 10/08/2015.

ALMEIDA L.J.L.; DE AMORIM A. A. V. C. Gestão escolar: caminho para redução da indisciplina. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**, v. 2, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://www.gvaa.com.br/revista/index.php/REBES/article/view/2056/1630>>. Acesso em: 24/08/2016.

ANDRADE, M. A. A. “**Arenas de conflitos**”: como repensar as práticas pedagógicas diante da indisciplina escolar. 2014. 49p. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/5756>>. Acesso em: 15/07/2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. 229p. Disponível em: <[http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes\\_pde/artigo\\_rogéria\\_aparecida\\_camargo\\_lima.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_rogéria_aparecida_camargo_lima.pdf)>. Acesso em: 26/01/2016.

BARROS, Geysa Cristina da Silva et al. **Fatores que influenciam na disciplina escolar: séries iniciais do ensino fundamental rede pública do Distrito Federal**. 2015. 36p. Disponível em: <<http://www.repositorio.uniceub.br/handle/235/6641>>. Acesso em: 27/05/2016.

BECKER, Maricler; MULLER, José Luiz. A indisciplina nos anos iniciais do ensino fundamental. **Eventos Pedagógicos**, v. 3, n. 3, p. 182-191, 2012. Disponível em: <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/968/665>> . Acesso em: 29/06/2016.

BELLIA, Rogéria Aparecida Camargo Lima; SANTOS, Silvia Alves dos. Indisciplina escolar: um dos desafios à gestão democrática. 2014. Disponível em: <[http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes\\_pde/artigo\\_rogeria\\_aparecida\\_camargo\\_lima.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_rogeria_aparecida_camargo_lima.pdf)>. Acesso em: 17/09/2016.

BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente: disposições constitucionais pertinentes: lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.-6 ed.- Brasília: Senado Federal, subsecretária de edições: técnicas, 2005. 177p.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil Federal (1998). Emenda constitucional nº 65 de 13 de julho de 2010. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 5 de outubro de 1988. 369p.

CALDEIRA, S. N. **A indisciplina em classe**: Contributos para a abordagem preventiva. 2000. 38p. Disponível em: <<http://dited.bn.pt/29668/679/1080.pdf>>. Acesso em: 29/06/2016.

ESTRELA, M. T. Para uma cooperação entre a escola e a família na prevenção dos problemas de indisciplina na escola. **Revista de Psicologia, Educação e Cultura**, v. 6, n. 1, p. 27-48, 2002. Disponível em: <[http://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/5254/1/2002\\_PEC\\_1.pdf#page=31](http://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/5254/1/2002_PEC_1.pdf#page=31)>. Acesso em: 27/06/2016.

FERREIRA, A. B. O. Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação de edição , Margarida dos Anjos, Marina baird Ferreira; lexicografia, Margarida dos Anjos...[et al]. 4. ed. rev. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GARCIA, J. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista Paranaense de Desenvolvimento-RPD**, n. 95, p. 101-108, 1999. Disponível em: <<http://www.ipardes.pr.gov.br/ojs/index.php/revistaparanaense/article/view/275>>. Acesso em 13/ 10/2015

GARCIA, J. Indisciplina, incivilidade e cidadania na escola. **ETD: Educação Temática Digital**, v. 8, n. 1, p. 124-132, 2006. Disponível em: <[https://scholar.google.com.br/scholar?q=INDISCIPLINA%2C+INCIVILIDADE+E+CIDADANIA+NA+ESCOLA&btnG=&hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5](https://scholar.google.com.br/scholar?q=INDISCIPLINA%2C+INCIVILIDADE+E+CIDADANIA+NA+ESCOLA&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5)>. Acesso em: 20/10/2015.

GATTI, B. A. Formação de grupos e redes de intercâmbio em pesquisa educacional: dialogia e qualidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 30, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n30/a10n30>>. Acesso em: 04/04/2016.

INEP. **Relatório nacional – TALIS**. Brasília, 2014. Disponível em: <[http://download.inep.gov.br/acoes\\_internacionais/pesquisa\\_talis/2013/talis2013\\_relatorio\\_brasil.pdf](http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pesquisa_talis/2013/talis2013_relatorio_brasil.pdf)>. Acesso em: 12/05/2015.

JESUS, G.; MAIA, G. Z. A. Indisciplina escolar: reflexões. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, v. 10, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://www.bjis.unesp.br/ojs-2.4.5/index.php/ric/article/view/307>>. Acesso em: 15/0/2016.

LEITE, E. G.; GOMES, H. M. G. O Papel da Família e da Escola na Aprendizagem Escolar. **Encontro de Pesquisa e Extensão da Faculdade SENAC. Limoeiro-PE**, 2013. Disponível em: <[http://www.pe.senac.br/ascom/faculdade/edital/IIEncontro/cd/O\\_PAPEL\\_DA\\_FAMILIA.pdf](http://www.pe.senac.br/ascom/faculdade/edital/IIEncontro/cd/O_PAPEL_DA_FAMILIA.pdf)>. Acesso em: 27/01/2016.

LEITE, L. J.; AMORIM, A. A. V. C.. Gestão escolar: caminho para redução da indisciplina. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**, v. 2, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://gvaa.org.br/revista/index.php/REBES/article/view/2056>>. Acesso em: 12/05/2016.

LIMA, L. R. et al. Diálogos entre família e escola: experiências de interlocução com a psicologia escolar. **Olhares & Trilhas**, v. 1, n. 1, 2013. 10p. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/olharetilhas/article/view/22358>>. Acesso em: 10/04/2016.

MELLO, T.; RUBIO, J. A. S. A importância da afetividade na relação professor/aluno no processo de ensino/aprendizagem na educação infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 4, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://www.facsaoque.br/novo/publicacoes/pdf/v4-n1-2013/tagides.pdf>>.

Acesso em: 20/05/2016.

NEGRÃO, A. V. G.; GUIMARÃES, J. L. A indisciplina e a violência escolar. **Núcleos de Ensino/Prograd**, 2006. 18p. Disponível em: <[http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:b23N3fkv1aMJ:scholar.google.com/+A+indisciplina+e+a+VIOLENCIA+NA+ESCOLA,+NEGRAO+E+GRUIMARAES&hl=pt-BR&as\\_sdt=0,5](http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:b23N3fkv1aMJ:scholar.google.com/+A+indisciplina+e+a+VIOLENCIA+NA+ESCOLA,+NEGRAO+E+GRUIMARAES&hl=pt-BR&as_sdt=0,5)>. Acesso em: 12/05/2016.

NOGUEIRA, R. K. S. et al. Família e escola: relação que promove o bom rendimento escolar dos alunos de duas turmas do ensino fundamental em uma escola da região arapiraquense. In: **Anais do Congresso de Inovação Pedagógica em Arapiraca**. 2015. 10p. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/cipar/article/view/1916>>. Acesso em: 26/09/2016.

OLIVEIRA, C. T.. A importância da afetividade na relação professor-aluno na perspectiva dos professores do curso PROEJA/FIC do IF Fluminense campus Bom Jesus do Itabapoana. **Livros**, v. 1, p. 39-54, 2013. Disponível em: <<http://essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/livros/article/view/3771>>. Acesso em: 28/11/2015.

OLIVEIRA, C. B. E.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. A relação família-escola: intersecções e desafios. **Estud. Psicol. (Campinas)**, v. 27, n. 1, p. 99-108, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2010000100012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000100012)>. Acesso em: 26/09/2016.

PICADO, L. A indisciplina em sala de aula: uma abordagem comportamental e cognitiva. **Portal dos psicólogos**, 2009. 14p. Disponível em: <[http://gap-m.ccems.pt/pluginfile.php/23221/mod\\_resource/content/0/A\\_INDISCIPLINA\\_EM\\_SALA\\_DE\\_AULA.pdf](http://gap-m.ccems.pt/pluginfile.php/23221/mod_resource/content/0/A_INDISCIPLINA_EM_SALA_DE_AULA.pdf)> . Acesso em 27/06/2016.

RICARDO, P. I. F.. **Indisciplina Escolar: Um Desafio Para Educadores E Toda Comunidade Escolar**. Pará de Minas –MG, 2013. Disponível em: <<http://www.fapam.edu.br/admin/monografiasnupe/arquivos/8102015193133Poliane.pdf>> . Acesso em: 08/03/2016.

SANTOS, O. Z. C. **Indisciplina na escola: processos e práticas educativas**. 2014. 31f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia - PAFOR)- Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/7043/1/PDF%20-%20Ogl%20Zolth%20da%20Costa%20Santos.pdf>>. Acesso em :29/06/2016.

SANTOS, C. M.; SANTOS, J O. A indisciplina no contexto escolar: Uma abordagem psicopedagógica. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**, v. 5, n. 2, 2016. Disponível em: < <http://www.gvaa.com.br/revista/index.php/REBES/article/view/4114>>. Acesso em: 20/09/2015.

SILVA, A. P. A. **Relação professor-aluno: considerações acerca da indisciplina em uma escola pública em Jardim de Piranhas**. Caicó-UFRN, 2015, p. 51. Disponível em: <<http://monografias.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1199>>. Acesso em: 12/05/2016.

SILVA, L. C.; MATOS, D. A.S. As percepções dos estudantes mineiros sobre a incidência de comportamentos de indisciplina em sala de aula. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, n. 58, 2014. 18p. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v19n58/10.pdf>>. Acesso em: 25/01/2016

SILVA, V. A. **Da ação do professor à indisciplina do aluno**. 2014. 42p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia - EAD)- Universidade Estadual da

Paraíba, Catolé do Rocha, 2014. Disponível em:  
<<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/4941>>. Acesso em: 27/05/2016.

SILVA, M. V. G.; FERREIRA, J. L.; GALERA, J. M. B. A indisciplina escolar enquanto desafio na formação do professor: uma realidade posta na sociedade contemporânea. In: **congresso nacional de educação da pucpr educere**. P. 660-671. Disponível em:  
<[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/126\\_494.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/126_494.pdf)>. Acesso em: 22/09/2016.

SOUZA, M.E. P. Família/Escola: a importância dessa relação no desempenho escolar. **Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE). Paraná**, 2009. 25p. Disponível em:< <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1764-8.pdf>>. Acesso em: 20/03/2016.

TEIXEIRA, B. J. **A participação da família na escola**. Carinhanha Dezembro de 2013. 37p. Faculdade de Educação –DE, Universidade de Brasília-UnB. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia Disponível em:  
<[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/7859/1/2013\\_BeatrizdeJesusTeixeira.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/7859/1/2013_BeatrizdeJesusTeixeira.pdf)>. Acesso em:25/09/2016.

TELES, Maria Luiza Silveira. **Educação sem Fronteiras: Cuidando do ser** / Maria Luiza Teles. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2003. 78p.

TIBA, I. **Disciplina, limite na medida certa**. São Paulo: Editora Gente, 1996. p. 234p. Disponível em:  
<[http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:rR8U\\_NZy5dwJ:scholar.google.com/+TIBA,+I%C3%A7ami.+Disciplina:+o+limite+na+medida+certa.+S%C3%A3o+Paulo:+Gente,+1996.&hl=pt-BR&as\\_sdt=0,5](http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:rR8U_NZy5dwJ:scholar.google.com/+TIBA,+I%C3%A7ami.+Disciplina:+o+limite+na+medida+certa.+S%C3%A3o+Paulo:+Gente,+1996.&hl=pt-BR&as_sdt=0,5)>. Acesso em: 02/07/2016.

VIECELI, D. **Um olhar sobre o processo de ensino e aprendizagem no instituto federal catarinense ifc–campus videira**: interfaces com a indisciplina escolar no ensino médio integrado. Joaçaba-SC. 2015. 159p. Disponível em:  
<[http://www.unoesc.edu.br/images/uploads/mestrado/Danieli\\_Vieceli.pdf](http://www.unoesc.edu.br/images/uploads/mestrado/Danieli_Vieceli.pdf)>. Acesso em: 11/04/2016.

WEBER, Lidia Natalia Dobrianskyj et al. Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 17, n. 3, p. 323-331, 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n3/a05v17n3>>. Acesso em: 12/10/2016.

**APÊNDICES**

**APÊNDICE 1: ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PAIS**

1. O que o Srs. / Srs.<sup>a</sup> entendem por indisciplina?
2. De acordo com o ponto de vista dos Srs. / Srs.<sup>a</sup> quais tipos de comportamentos poderiam ser considerados como comportamentos indisciplinados?
3. Os Srs. / Srs.<sup>a</sup> consideram que seus filhos apresentam comportamentos indisciplinados na escola? Por que?
4. Os Srs. / Srs.<sup>a</sup> costumam acompanhar o comportamento dos seus filhos na escola? De que forma?
5. Já foi solicitada a presença dos senhores na escola por comportamento indisciplinar dos seus filhos? Por que?
6. Os Srs. / Srs.<sup>a</sup> consideram justo serem convocados pela escola devido a esses problemas? Por que?
7. Como os Srs. / Srs.<sup>a</sup> percebem a relação entre escola e a família? Consideram satisfatória? Por que?
8. Quanto a relação dos Srs. / Srs.<sup>a</sup> com seus filhos, ela é considerada satisfatória? Por que?
9. Acham que os Srs. / Srs.<sup>a</sup> podem contribuir para melhorar o comportamento dos seus filhos? Como?
10. E quanto a escola, como os Srs. / Srs.<sup>a</sup> acham que os professores e a escola podem contribuir para melhorar o comportamento dos alunos? Como?
11. Os Srs. / Srs.<sup>a</sup> acham que os professores e a escola devem fazer para melhorar o comportamento dos filhos? Como?
12. No caso dos seus filhos apresentarem comportamentos indisciplinados na escola, como os Srs. / Srs.<sup>a</sup> que a escola deve proceder?

**APÊNDICE 2: ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PROFESSORES**

1. O que os Srs. / Srs.<sup>a</sup> entendem por indisciplina?
2. Quais os tipos de critérios que os Srs. / Srs.<sup>a</sup> utilizam para diferenciar alunos disciplinados e alunos indisciplinados?
3. Os Srs. / Srs.<sup>a</sup> consideram que seus alunos apresentam comportamentos indisciplinados? Por quê?
4. Como professor e educador, qual a tarefa mais difícil de lidar quando o aluno é indisciplinado?
5. Os Srs. / Srs.<sup>a</sup> acham que a indisciplina dos alunos na sala de aula interfere o desempenho de outros no processo ensino-aprendizagem? Por que?
6. Já registraram alguma ocorrência por comportamento indisciplinar em suas aulas? Como ocorreu essa situação?
7. Como os pais, dos alunos envolvidos, procederam a situação de indisciplina que os Srs. / Srs.<sup>a</sup> registraram? Ficaram satisfeito com as atitudes desses pais?
8. Consideram que os pais são influentes no comportamento indisciplinado dos filhos?
9. Como percebem a relação entre escola e a família? Consideram satisfatória? Por que?
10. Quanto a relação de vocês com seus alunos, consideram satisfatória? Por que?
11. O que os senhores acham que os pais devem fazer para melhorar o comportamento dos filhos?
12. O que acham que podem fazer para melhorar os comportamentos dos alunos?
13. E no caso dos filhos dos Srs. / Srs.<sup>a</sup> apresentarem comportamentos de indisciplina na escola, como procederiam? Como acham que a escola deveria proceder?

**ANEXO**

